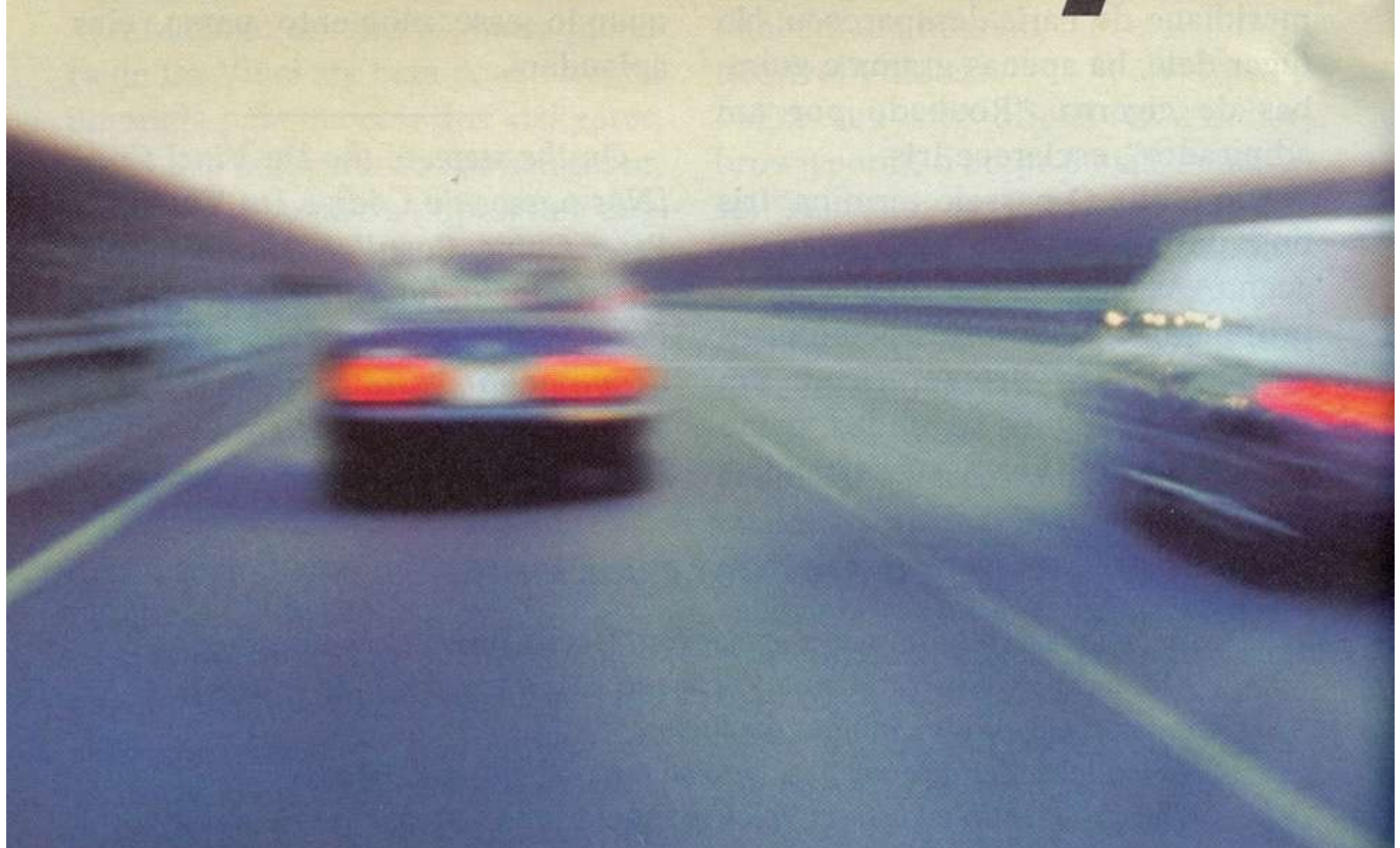


ATAQUE CARDÍACO A 90 km/h



"Mãe, ligue para a Emergência. Tem algo errado com o papai."

POR ANITA BARTHOLOMEW

JOSE E MARIA Le Grand viajavam com os dois filhos, Blake, 14, e Alexis, 6, após passarem o feriado prolongado do Memorial Day na casa dos pais de Jose, em Nova Jersey. Para essa típica família nova-iorquina, tinha sido um bom período de descanso de todo o barulho e confusão. Mas agora estava na hora de voltar para casa. Vestindo uma confortável camisa dos Yankees, Jose, 44, sabia

que mais tarde naquela segunda-feira as estradas estariam cheias de gente voltando do fim de semana prolongado. Então, decidiu sair cedo com a família. Eles se despediram e às 7h30 já estavam na estrada com a picape Ford Expedition branca da família.

Na entrada da ponte Pulaski, uma caminhonete Mercedes-Benz prata que ia na sua dianteira freou até quase parar completamente. Depois de um tempo, Jose Le Grand buzinou. O

Mercedes balançou de um lado para o outro. Depois, cruzou as pistas em ziguezague – e continuou andando.

Jose olhou para Maria preocupado. “É um pouco cedo para dirigir bêbado”, disse ele, quando notou que o veículo acelerava, ultrapassando o limite de velocidade. O Mercedes balançou de novo. A extensão da ponte que atravessava dois rios era de cerca de 5 quilômetros. “Fique longe”, recomendou Maria preocupada, “no caso de precisarmos dar uma freada brusca.”

Jose reduziu a velocidade até ficar a cerca de 10 carros de distância; o motorista, agora Jose tinha certeza, estava completamente bêbado. O veículo desgovernado cruzou duas pistas e, de repente, bateu na mureta de proteção, balançando de novo e inclinando-se para a direita.

Maria implorou ao marido que saísse de perto do carro desgovernado. Se o Mercedes batesse a 90 km/h, como tudo indicava que ia acontecer, a família Le Grand, que viajava logo atrás, poderia correr sérios riscos também.

“Vou tentar ultrapassá-lo”, disse Jose, quando o veículo bateu de novo na mureta de proteção e ziguezagueou de volta para a pista. Com movimentos incertos, o carro prosseguia como se estivesse desgovernado.

Maria virou para as crianças sentadas no banco de trás e, o mais calmamente que pôde, explicou o que pretendiam fazer. “Fiquem com o cinto de segurança bem preso.”

NA MESMA manhã, faltavam quase 10 minutos para as 8h quando o celular de Grace Sato tocou. Era sua filha, Reiko, de 8 anos, que passara o fim de semana com o pai, Joseph Balagot, ex-marido de Grace.

O combinado era de se encontrarem na casa dela naquela manhã, um pouco mais tarde. Quando atendeu a ligação, Grace ficou surpresa ao ouvir a filha chorando em desespero.

– Mãe, ligue para a Emergência. Tem alguma coisa errada com o papai – dizia ela, soluçando. – Ele não se mexe. Não está falando.

– Ele está dormindo? – perguntou Grace, sem entender por que a filha chorava tanto.

– Não sei – gritou Reiko.

Grace não conseguia entender o motivo do desespero da filha.

– Onde você está? – perguntou.

– Estamos na ponte Pulaski.

Demorou um pouco até que as peças se encaixassem. Eles estavam no carro? Na ponte Pulaski? Será que Joseph dormira no volante? Não, isso não fazia sentido. Ele nunca colocaria a filha em risco.

Quando Reiko contou que o pai estava com a mão no peito, Grace entendeu imediatamente o que tinha acontecido. Seu ex-marido sofria do coração. Quantas vezes ela o recriminara por não tomar os remédios de forma correta?

Cada vez mais alarmada, ela escutava a menina dizer que o carro tinha batido na mureta de proteção,



Os Le Grands arriscaram a vida tentando parar um carro desgovernado.

que o pai batera com a cabeça na janela do lado do motorista, que ele levava as mãos ao peito, que estava totalmente imóvel e que havia saliva nos cantos de sua boca.

Reiko pulou para o banco do carona e tentou controlar o veículo, mas não sabia como fazê-lo. E o carro continuava em movimento.

Tentando controlar o próprio pânico, Grace instruiu a filha a tentar se manter na pista. Com a outra mão, ela pegou outro telefone e ligou para a polícia.

Jose Le Grand aguardou até que o Mercedes prata à sua frente estivesse um pouco mais estabilizado na pista da esquerda. Então, pisou o mais fundo que pôde. Ao se aproximar do veículo, olhou para o seu interior.

Por uma fração de segundos, ele não soube o que pensar da cena ina-

creditável que acabava de ver: uma garotinha no banco da frente gritando desesperadamente em um celular. Mas, ao fazer a ultrapassagem, o que ele viu de mais surpreendente foi o motorista caído sobre o volante, aparentemente desmaiado.

“Meu Deus”, ele gritou para sua mulher. “Acho que ele teve um enfarte.”

Jose continuou acelerando até ultrapassar o Mercedes, que parecia se mover à própria sorte. Ele corria muito, como se quisesse também ultrapassá-lo, chegando a quase 90, 100 km/h.

Era provável que o pé do motorista continuasse preso ao pedal do acelerador, pensou Jose. Se nada fosse feito, e rápido, a menina dentro do veículo poderia morrer.

Olhando para o banco de trás, Jose sentiu-se culpado ao ver a própria



O telefonema de Reiko para a mãe, Grace Sato, chamou a atenção de uma equipe de emergência.

filha de 6 anos. E se fosse ela dentro de um carro desgovernado?

Ele explicou à mulher que nunca se perdoaria se não tomasse uma providência. “Eu tinha de parar aquele carro”, decidiu ele.

“Segurem-se”, disse Jose à família.

Ele voltou para a pista da esquerda, logo à frente do Mercedes prateado. Havia apenas uma forma de parar aquele carro: fazê-lo bater em seu carro.

Enquanto sua mulher, à beira do desespero, também ligava para a polícia tentando explicar o que tinham acabado de ver na estrada, Jose calculava uma maneira de parar o Mercedes sem provocar um desastre ou machucar sua família.

Ele tirou lentamente o pé do acelerador. A caminhonete continuou se aproximando, em alta velocidade e em ziguezague.

Jose se posicionou na frente dela, medindo sua velocidade e reduzindo-a mais e mais. O Mercedes se aproximava. Cada vez mais... até que colidiu violentamente com a picape de Jose. O impacto foi tão forte que atirou Jose para a frente contra o volante.

As crianças gritaram dentro do carro, e sua mulher começou a chorar. Agora, o Mercedes desgovernado os arrastava pela pista da ponte Pulaski. Jose sentiu um grande medo, mas tentou manter o controle.

Ele botou a picape em ponto morto; o Mercedes e a picape permaneciam unidos, movendo-se em alta velocidade pela ponte. Era preciso pará-los.

Jose engatou uma marcha lenta. Os dois veículos começaram a desacelerar. Ele pisou no freio, aos poucos, até que finalmente conseguiu

parar os dois carros por completo em uma das curvas da ponte.

Outros carros passaram por eles até que Jose conseguiu sair do assento do motorista, correu até o Mercedes e verificou os sinais vitais do motorista. Não havia pulsação. Nenhum sinal de respiração.

Olhando rapidamente à sua volta, Jose percebeu como o local onde estavam era perigoso. Os carros que trafegavam na ponte só podiam vê-los quando entrassem na curva. Era um prato cheio para um acidente. Era preciso sair dali depressa.

A VÁRIOS quilômetros dali, em sua casa na cidade, tendo em um telefone a filha e em outro a polícia, Grace Sato sentia-se totalmente impotente.

Foi então que Reiko disse à mãe que havia uma picape na frente do carro do pai. O motorista provocara uma batida e parara os dois carros. Naquele momento, as pessoas da picape estavam vindo ajudá-la.

Grace ouviu alguém falar com Reiko. O homem da picape pedia a ela que o ajudasse a abrir a porta do Mercedes. Assim, ele poderia tirá-la dali em segurança. Ao fundo, Grace ouvia a voz do bom samaritano que salvava sua filhinha. Ela não sabia se o ex-marido estava vivo ou morto, mas, pelo menos, alguém estava tentando ajudar Reiko.

Foi quando Grace ouviu o grito de uma mulher. Os gritos eram tão altos e desesperados, que a fizeram desviar a atenção do choro da filha: "Um ônibus! Corram!"

UM GRANDE ônibus de turismo começava a fazer a curva, justamente em um ponto cego da ponte Pulkaski.

A apenas 100 metros atrás deles, o ônibus vinha em alta velocidade, na pista da esquerda, a mesma onde eles estavam parados. Daria tempo de o motorista vê-los? Se não visse, o imenso ônibus viria com força suficiente para esmagar os dois carros.

Jose tentou tirar a menina do carro, mas o tráfego intenso o impediu de abrir a porta a tempo. Agora, seus dois filhos no banco de trás da picape também estavam em perigo. Jose correu de volta para o carro, entrou e se jogou no chão.

O ônibus se aproximava. O choque com o Mercedes parecia inevitável.

Só a menos de dez metros do carro onde estava a garotinha foi que o imenso ônibus conseguiu desviar para a pista da direita. Ele passou com tanta velocidade que chegou a arrastar a picape dos Le Grand.

Jose, agora cerca de 20 metros mais longe, parou novamente seu carro na estrada, pronto para voltar correndo até o Mercedes e salvar Reiko.

Assim que saiu do carro pela segunda vez, notou que o Mercedes movia-se novamente, na direção deles. Na pressa e na confusão, ele esquecera de desligar o motor.

Às pressas, ele voltou à direção da picape, mas antes de conseguir colocá-la em movimento o Mercedes bateu neles mais uma vez. Ignorando a

batida, Jose pisou no freio com força. Outra vez, os dois carros foram reduzindo a velocidade até parar.

Sem perder tempo, Jose correu de volta até o Mercedes, freou o carro e agarrou a garotinha. Ela chorava convulsivamente; a fivela do cinto de segurança estava emperrada.

Por fim, Jose puxou Reiko por cima do cinto de segurança e correu com ela nos braços de volta à pica-pe. Colocou-a no banco de trás com Alexis e Blake.

Enquanto Maria passava as últimas informações para os policiais, a pequena Alexis tentava confortar Reiko, que ainda chorava muito. Ela pegou um dos seus ursinhos de pelúcia e deu para a garotinha, deixando-a mais calma.

A polícia e o socorro médico chegaram em minutos. Jose Le Grand ainda ajudou a equipe no procedimento de reanimação cardiopulmo-

nar do motorista inconsciente, mas não havia mais nada a fazer. A morte de Joseph Balagot foi registrada como tendo ocorrido às 8h44.

Pouco tempo depois, Grace Sato chegou ao local. Nervosa, mas contendo o choro, ela abriu caminho em meio à confusão e às luzes dos carros de polícia. “Onde está minha filha?”, gritava. Um homem vestido com uma camisa dos Yankees indicou-lhe o caminho.

Reiko chorava e tinha um corte na testa, mas parecia bem. A menina correu até a mãe. Grace abraçou sua filhinha e levou-a para o carro. As duas estavam muito emocionadas.

No hospital, Grace recebeu a triste notícia sobre o ex-marido. No entanto, sua filha estava viva. Era um milagre. A Jose Le Grand, cujo coração foi tão grande quanto a velocidade do seu pensamento, Grace Sato será eternamente grata.

AVISO AO CONSUMIDOR



Amontoadas no gramado da frente da casa de um vizinho havia várias “doações”, incluindo um enorme ventilador. A primeira coisa que notei foi que uma das cinco pás da hélice estava faltando. A segunda coisa que observei foi o aviso bem-humorado pendurado nele: “Ventilador 80% eficaz!”

DAVID BRINKLEY, EUA

Parece que alguns compradores vão longe demais quando se trata de experimentar a mercadoria antes de comprá-la. Estava eu andando pela seção de banheiros de uma loja quando vi o aviso ao lado de uma fileira de vasos sanitários: “Apenas mostruário.”

LAUREN GOVEDNIK, EUA

Conhecimento é poder.
O poder vem com ele, já a
sabedoria, não necessariamente.

SERGINHO GROISMAN na Trip



O dinheiro não compra felicidade,
mas pode comprar um iate grande
o suficiente para atracar bem ao
lado dela.

DAVID LEE ROTH

As pessoas normais acreditam
que, se não está quebrado, não
tem de ser consertado. Os
engenheiros acreditam que, se
não está quebrado, é porque
ainda não tem peças suficientes.

SCOTT ADAMS em *The Dilbert principle* (Collins)

Não desperdice um minuto sem ser
feliz. Se uma janela se fechar, corra
para a janela mais próxima – ou
ponha a porta abaixo.

BROOKE SHIELDS na *In Style*

O melhor de todos nós às vezes
precisa engolir as próprias palavras.

J.K. ROWLING

QUEM DISSE?

Não vou responder
a essa pergunta.

- a) Duda Mendonça
- b) Duda Mendonça
- c) Duda Mendonça

VEJA A RESPOSTA ABAIXO

a), b) e c) Duda Mendonça

As melhores
coisas são
ditas em
particular.

BRUNA LOMBARDI

Conversar sobre
música é como
conversar sobre
sexo. É possível
descrever?
Alguém espera
que você o faça?

BRUCE SPRINGSTEEN
para o VHI Storytellers

Queria ganhar um Oscar
para poder receber mais
scripts sem as manchas de café
deixadas por outros atores.

MICHAEL CAINE

Meu casamento
deu certo, apesar
de mim.

MARÍLIA GABRIELA

\$ Pagamos até R\$ 50 por frases de pessoas
famosas contemporâneas (página 24).

A vida
é uma
série de
vírgulas, não
de pontos.

MATTHEW
MCCONAUGHEY
em *Details*